



# Línguas Nacionais de Influência Comercial Corredor de Luanda-Kwanza-Ambaca *Kikongo, Kimbundu e Umbundu*

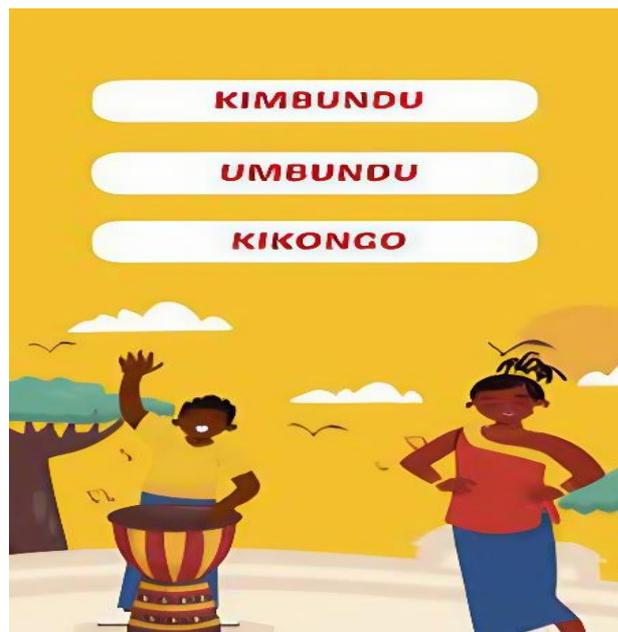


Imagem: Kukubela, 2024

**Autor:** António Lopes Nicolau  
**Email:** [alonicolau@yahoo.com.br](mailto:alonicolau@yahoo.com.br)  
**Contacto:** 923 344 283

Junho 2025  
(Ensaio nº 002/2025)

**Luanda – Angola**



## ÍNDICE

NOTA PRÉVIA.....	4
I. INTRODUÇÃO.....	4
1.1. Contextualização geográfica e sociolinguística .....	4
1.2. Objectivos .....	4
1.3. Justificativa da escolha das línguas Kikongo, Kimbundu e Umbundu .....	5
II. CARACTERIZAÇÃO DAS LÍNGUAS DO CORREDOR LUANDA-KWANZA-AMBACA .....	5
2.1. Kikongo .....	5
2.1.1. Origem, distribuição geográfica e comunidades falantes.....	5
2.1.2. Estrutura linguística e variações dialectais .....	6
2.2. Kimbundu.....	6
2.2.1. Origem, distribuição e importância histórica.....	6
2.2.2. Relações com o português e fenómenos de contacto linguístico .....	6
2.3. Umbundu .....	7
2.3.1. Origem, distribuição e papel social .....	7
2.3.2. Contribuições lexicais e culturais .....	7
III. DINÂMICAS COMERCIAIS E LINGUÍSTICAS .....	7
3.1. Papel das línguas nacionais nas trocas comerciais.....	7
3.2. Bilinguismo mercantil: <i>interacções entre línguas bantu e português</i> .....	8
3.3. Vocabulário comercial e terminologia específica .....	8
IV. CORREDOR LUANDA–KWANZA–AMBACA: <i>RELEVÂNCIA COMERCIAL E LINGUÍSTICA</i> 9	
4.1. Actividades económicas predominantes na região .....	9
4.2. Fluxo de bens, serviços e pessoas.....	9
4.3. Língua como facilitadora ou barreira nas trocas comerciais .....	9
V. LÍNGUAS NACIONAIS COMO FERRAMENTA DE MEDIAÇÃO COMERCIAL.....	10
5.1. Estudo de caso e exemplo prático .....	10
5.2. Percepções sobre o uso das línguas nacionais .....	10
5.3. Impacto do multilinguismo nos negócios locais .....	10
VI. DESAFIOS PARA A VALORIZAÇÃO DAS LÍNGUAS NO COMÉRCIO REGIONAL.....	11
6.1. Barreiras sociopolíticas e institucionais.....	11
6.2. Oportunidades para inclusão linguística .....	11
6.3. Propostas de políticas públicas ou projectos comunitários .....	12
VII. CONCLUSÃO .....	12

7.1. Síntese dos principais achados .....	12
7.2. Implicações para o desenvolvimento sociolinguístico e económico.....	13
7.3. Sugestões para futuras investigações.....	13
VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	13
IX. ANEXOS.....	16
9.1. Mapas linguísticos da região.....	16
9.2. Quadro Comparativo entre Kikongo, Kimbundu e Umbundu .....	17
9.3. Short CV do Autor .....	18

## NOTA PRÉVIA

O presente ensaio foi elaborado com o objectivo de analisar o papel das línguas nacionais — **kikongo, kimbundu e umbundu** — nas dinâmicas comerciais e sociolinguísticas do **corredor Luanda–Kwanza–Ambaca**, em Angola. A investigação baseia-se numa revisão bibliográfica actualizada, privilegiando fontes académicas, relatórios institucionais, legislação e plataformas digitais de referência, de modo a garantir rigor científico e actualidade dos dados apresentados.

Salienta-se que, dada a natureza dinâmica da realidade sociolinguística angolana, alguns dados estatísticos e cartográficos podem sofrer actualizações. Recomenda-se, por isso, a consulta regular das fontes oficiais e académicas para acompanhamento das evoluções mais recentes.

Este trabalho pretende contribuir para a valorização das línguas nacionais angolanas, promovendo o debate sobre o seu papel no desenvolvimento económico, social e cultural da região em análise, bem como incentivar novas investigações e políticas inclusivas no domínio da diversidade linguística em Angola.

## I. INTRODUÇÃO

### 1.1. Contextualização geográfica e sociolinguística

O corredor Luanda–Kwanza–Ambaca localiza-se na região centro-norte de Angola, abrangendo as províncias de Luanda, Bengo (na parte que é a actual província de Icolo e Bengo), Kwanza Norte e partes de Malanje. Este eixo é reconhecido pela sua importância histórica, económica e cultural, funcionando como uma via de circulação de pessoas, mercadorias e ideias desde o período pré-colonial até à actualidade (Afonso, 2020). **Luanda**, enquanto capital nacional, destaca-se como centro urbano e económico, enquanto as áreas do interior, como **Ambaca** e **Golungo Alto**, desempenham papéis estratégicos na produção agrícola e no comércio local.

A região foi, desde o século XIX, palco de intensas trocas comerciais, sendo atravessada por rotas de transporte e por infra-estruturas como o caminho-de-ferro entre Ambaca e o Dondo, no rio Kwanza, que facilitavam a ligação entre o interior e o litoral (Afonso, 2020; Nicolau, 2024). Do ponto de vista sociolinguístico, Angola caracteriza-se por uma grande diversidade linguística: o português é a língua oficial e de comunicação interétnica, mas as línguas nacionais, como kikongo, kimbundu e umbundu, mantêm relevância enquanto línguas maternas e de uso quotidiano, especialmente em contextos comunitários e rurais (Wikipedia, 2005).

Estas línguas nacionais são fundamentais na transmissão de saberes, na coesão social e na mediação das trocas comerciais, constituindo-se como elementos centrais da identidade cultural angolana.

### 1.2. Objectivos

O presente ensaio tem como objectivo principal analisar a influência comercial das línguas nacionais kikongo, kimbundu e umbundu no corredor Luanda–Kwanza–Ambaca, procurando compreender a sua importância histórica, social e económica. Especificamente, pretende-se:

- **Contextualizar** geográfica e sociolinguisticamente o corredor Luanda–Kwanza–Ambaca;
- **Caracterizar** as línguas kikongo, kimbundu e umbundu, destacando a sua distribuição, estrutura e importância cultural;
- **Investigar** o papel destas línguas nas dinâmicas comerciais, históricas e actuais, bem como a sua relação com o português enquanto língua de contacto;
- **Reflectir** sobre o impacto do multilinguismo nas práticas comerciais e nas estratégias de mediação entre diferentes grupos étnico-linguísticos;
- **Identificar** desafios e potencialidades para a valorização das línguas nacionais no comércio regional, propondo recomendações para políticas públicas e projectos comunitários.

### 1.3. Justificativa da escolha das línguas Kikongo, Kimbundu e Umbundu

A escolha das línguas kikongo, kimbundu e umbundu justifica-se pela sua expressiva representatividade demográfica, histórica e cultural no contexto angolano. Estas línguas são faladas por grupos étnicos que tradicionalmente dominaram as principais rotas comerciais e políticas das regiões centro-norte e centro-sul de Angola (Basílio, 2018; Sita, 2019). O **umbundu** é actualmente a língua nacional mais falada em Angola, predominando no centro-sul, sobretudo nas províncias do Huambo e Bié, e influenciando fortemente o português regional (AGBT, 2025). O **kimbundu** é central em Luanda, Bengo, Icolo e Bengo, Kwanza Norte e Malanje, sendo a língua tradicional da capital e responsável por um vasto léxico incorporado ao português falado em Angola (adaptado de Marcos, 2021). O **kikongo** predomina no Norte, nas províncias do Uíge e Zaire, e mantém ligações transfronteiriças com a República Democrática do Congo e o Congo-Brazzaville.

Além do seu peso demográfico, estas línguas são veículos de conhecimento ancestral, instrumentos de resistência cultural e elementos-chave na mediação das trocas comerciais, tanto em mercados rurais como urbanos. A sua escolha permite compreender de forma aprofundada as dinâmicas de contacto linguístico, o bilinguismo mercantil e a importância do multilinguismo para o desenvolvimento económico e social do corredor Luanda–Kwanza–Ambaca (Basílio, 2018; Marcos, 2021).

## II. CARACTERIZAÇÃO DAS LÍNGUAS DO CORREDOR LUANDA-KWANZA-AMBACA

### 2.1. Kikongo

#### 2.1.1. Origem, distribuição geográfica e comunidades falantes

O kikongo é uma língua bantu falada predominantemente pelo povo Bakongo, tendo a sua origem no antigo Reino do Congo, que se estendia do sul do Gabão até ao norte de Angola, incluindo ainda partes da República do Congo e da República Democrática do Congo. Em Angola, o kikongo é falado principalmente nas províncias de Cabinda, Uíge, Zaire e em parte do Kwanza Norte. O número de falantes nativos ronda os 8 a 9 milhões, com cerca de 2 milhões a utilizá-la como segunda língua, perfazendo um total de aproximadamente 10 a 11 milhões de utilizadores em toda a África Central (Wikipedia,

2006; Kia Kongo, 2024). Esta dispersão geográfica faz do kikongo uma língua transnacional, com variantes presentes também no Gabão e na diáspora americana, onde influenciou crioulos e práticas religiosas afrodescendentes (Wikipedia, 2006; Kia Kongo, 2024; Scribd, 2025).

### **2.1.2. Estrutura linguística e variações dialectais**

O kikongo é uma língua tonal, ou seja, a entoação altera o significado das palavras. Apresenta uma vasta diversidade dialectal, com cerca de vinte variantes distribuídas por três países. Entre os principais dialectos destacam-se o Kisikongo, Zombo, Ibinda, Yombe, Vili, Ladi, Sundi, entre outros (Wikipedia, 2006; Scribd, 2025; Kia Kongo, 2024). A estrutura morfológica do kikongo assenta em prefixos nominais, que desempenham um papel fundamental na formação de palavras e na concordância gramatical (Njinga e Sapé, 2022).

## **2.2. Kimbundu**

### **2.2.1. Origem, distribuição e importância histórica**

O kimbundu é uma língua bantu falada pelo grupo étnico Ambundu, cuja presença se verifica sobretudo nas províncias de Luanda, Bengo, Icolo e Bengo, Malanje, Kwanza Norte e no norte do Kwanza Sul. O povo Ambundu estabeleceu-se entre os rios Kwanza e Dande, tendo fundado o Reino do Ndongo no início do século XVI, um dos mais relevantes da história angolana (Scribd, 2025; Wikipedia, 2005; Misoso África, 2012). O kimbundu foi a língua tradicional da capital Luanda e desempenhou um papel central na assimilação de costumes coloniais portugueses, bem como na produção das primeiras obras literárias angolanas (Scribd, 2025; Misoso África, 2012). Actualmente, o kimbundu é falado por cerca de 7,8% da população angolana, com mais de 1,8 milhões de falantes, constituindo a segunda língua nacional mais falada, depois do umbundu (USP, 2020; e-Publicações UERJ, 2019).

### **2.2.2. Relações com o português e fenómenos de contacto linguístico**

O contacto entre o kimbundu e o português é secular, tendo resultado numa forte influência mútua. O kimbundu emprestou ao português falado em Angola um vasto léxico, especialmente termos ligados à cultura, alimentação, flora, fauna e vida quotidiana (Wikipedia, 2005; Universo Litteragris, 2024; Marcos, 2021). Por outro lado, o kimbundu também assimilou vocábulos portugueses, sobretudo a partir do século XX, devido à escolarização e à urbanização. O bilinguismo português-kimbundu é um fenómeno recorrente, com interferências ao nível fonético, morfológico e sintáctico (USP, 2020; e-Publicações UERJ, 2019). Em certas regiões, como Ambaca, desenvolveu-se uma variedade mista denominada *ambaca*, que resulta da fusão entre o kimbundu e o português (Wikipedia, 2005). O kimbundu e o português partilham a ordem básica SVO (sujeito-verbo-objecto), mas diferem em aspectos como a representação do sujeito e do objecto directo, a regência verbal e a marcação temporal (UBI, 2019).

## **2.3. Umbundu**

### **2.3.1. Origem, distribuição e papel social**

O umbundu é a língua bantu mais falada em Angola, com cerca de 7 milhões de falantes, maioritariamente pertencentes ao grupo étnico Ovimbundu, originário do Planalto Central. Esta língua predomina nas províncias do Bié, Huambo, Benguela e Namibe, mas devido ao êxodo rural e à mobilidade populacional, está hoje presente em várias outras regiões, incluindo Luanda (Wikipedia, 2005; Redalyc, 2018). O termo “Ovimbundu” deriva de “muntu”, que significa “pessoa” em várias línguas bantu, reflectindo a raiz comum destes povos (Redalyc, 2018). Socialmente, o umbundu é fundamental para a coesão dos Ovimbundu, sendo veículo de transmissão de valores, tradições orais, provérbios e canções (VOA Português, 2008).

### **2.3.2. Contribuições lexicais e culturais**

O contacto prolongado entre o umbundu e o português resultou na incorporação de numerosos “umbundismos” no português angolano, especialmente na zona centro-sul, mas também noutras regiões devido à migração interna (Costa, 2015; Wikipedia, 2005). Para além do léxico, o umbundu influenciou práticas culturais, literárias e musicais, sendo preservado através de literatura oral, provérbios e canções tradicionais (VOA Português, 2008; Costa, 2015). A fonologia do umbundu distingue-se por um sistema vocálico de cinco vogais e por consoantes pré-nasais, reflectindo traços partilhados com outras línguas bantu da África Austral (Revistas da Unilab, 2015).

## **III. DINÂMICAS COMERCIAIS E LINGUÍSTICAS**

### **3.1. Papel das línguas nacionais nas trocas comerciais**

As línguas nacionais, como o kikongo, o kimbundu e o umbundu, desempenham um papel fundamental nas trocas comerciais em Angola, tanto no passado como na actualidade. Antes da chegada dos colonizadores portugueses, as actividades comerciais entre os reinos locais eram realizadas essencialmente através destas línguas africanas, que funcionavam como veículos de comunicação e negociação entre diferentes grupos étnicos (Wikipedia, 2005; AGBT, 2025). Com a imposição do português como língua oficial durante o período colonial, as línguas nacionais foram marginalizadas, mas continuaram a ser amplamente utilizadas nos mercados locais e nas redes de comércio informal, especialmente nas zonas rurais e periurbanas (Wikipedia, 2005; Revista da ABRALIN, 2019).

Estudos recentes demonstram que, nos mercados informais, o uso das línguas maternas proporciona vantagens económicas directas, como o aumento da confiança entre vendedor e comprador, a obtenção de melhores preços e a fidelização de clientes. A escolha da língua regional, em detrimento do português, é frequentemente uma estratégia para garantir lucros mais elevados e promover a identidade cultural dos interlocutores (UNEMAT, 2023). Por exemplo, no mercado do Mutundo, na província da Huíla, o uso do umbundu, kikongo ou lingala é visto como um “jogo psicológico” que favorece a negociação e o sucesso comercial (UNEMAT, 2023).

### 3.2. Bilinguismo mercantil: *interacções entre línguas bantu e português*

O bilinguismo mercantil é uma característica marcante do comércio angolano, reflectindo a convivência histórica entre o português e as línguas bantu. Desde o século XVI, o contacto entre comerciantes portugueses e africanos gerou práticas de comunicação híbridas, com o português a assumir o papel de língua franca em transacções oficiais e o kimbundu, kikongo ou umbundu a prevalecerem nas interacções quotidianas e informais (Augusto, 2016; AGBT, 2025).

Actualmente, o bilinguismo manifesta-se de diversas formas: muitos agentes económicos alternam entre o português e a língua nacional conforme o perfil do cliente, o tipo de produto ou o contexto da negociação. Esta alternância linguística não só facilita a compreensão e a eficiência das trocas, como também reforça laços de pertença e confiança entre interlocutores (UNEMAT, 2023; Severo et al., 2019). O português angolano, por sua vez, apresenta traços fonéticos e lexicais resultantes do contacto intenso com as línguas bantu, tornando-se um idioma híbrido e adaptado à realidade local (AGBT, 2025; Severo et al., 2019).

### 3.3. Vocabulário comercial e terminologia específica

O contacto entre o português e as línguas nacionais produziu um vocabulário comercial rico e diversificado, com termos que reflectem a criatividade e a adaptação dos angolanos ao contexto mercantil. Entre os exemplos mais emblemáticos encontram-se:

- **Camba** (amigo, parceiro de negócio) – do kimbundu, amplamente usado em todo o país (AGBT, 2025; DCA, 2020).
- **Bazar** (ir embora, sair do mercado) – expressão corrente no português angolano, de origem bantu (AGBT, 2025).
- **Muamba** (confusão, mistura de produtos, ou também prato típico de comércio alimentar) – termo de origem bantu, muito utilizado em mercados (AGBT, 2025).
- **Zungueiro/zungueira** (vendedor/vendedora ambulante) – relacionado à prática de comércio informal nas ruas e feiras de Angola (DCA, 2020).
- **Kitadi** (dinheiro) – do kimbundu, usado em contextos informais e comerciais (Scribd, 2025).
- **Biscato** (trabalho temporário, serviço ocasional) – termo incorporado ao português angolano, com uso frequente em contextos de comércio informal (DCA, 2020).

Além destes, a legislação comercial angolana define termos específicos como “actividade comercial”, “agente económico”, “comércio ambulante”, “comércio feirante”, “feirante”, “retalhista”, entre outros, que estruturam e regulam a actividade mercantil no país (LAC, 2020).

## **IV. CORREDOR LUANDA–KWANZA–AMBACA: RELEVÂNCIA COMERCIAL E LINGUÍSTICA**

### **4.1. Actividades económicas predominantes na região**

O corredor Luanda–Kwanza–Ambaca, que atravessa as províncias de Luanda, Icolo e Bengo e Kwanza Norte, distingue-se por uma forte actividade agropecuária e comercial. A produção de café, mandioca, amendoim, milho, feijão, batata-rena, batata-doce e hortícolas constitui a base da economia local, complementada pela criação de bovinos, suínos e aves, bem como actividades de pesca e extracção de madeira (Ambaca, 2024; PDAC, 2022; Afonso, 2020). O município de Ambaca, por exemplo, é reconhecido pelo seu potencial agrícola, com destaque para a produção familiar de subsistência, sendo a agricultura a principal fonte de rendimento das populações locais (Ambaca, 2024; ULisboa, 2011).

Nos últimos anos, projectos de desenvolvimento agrícola, como o Projecto de Desenvolvimento da Agricultura Comercial (PDAC), têm promovido o aumento da produtividade e o acesso a mercados para agricultores e pequenas e médias empresas do agronegócio, reforçando o papel do corredor como eixo estratégico para o abastecimento alimentar e a exportação de produtos agrícolas (PDAC, 2022).

### **4.2. Fluxo de bens, serviços e pessoas**

Historicamente, o corredor Luanda–Kwanza–Ambaca desempenhou um papel central no escoamento de produtos do interior para o litoral, especialmente após a construção do caminho-de-ferro de Ambaca, em **1886**, que ligava o cais do Dondo a Ambaca (cuja capital era Pamba Real, em Lucala) e facilitava o transporte de mercadorias, sobretudo o café, entre as zonas produtoras e a capital (Porto de Luanda, 2024; Afonso, 2020). Esta infraestrutura foi determinante para a integração económica da região, promovendo a formação de aglomerados populacionais e o desenvolvimento de centros urbanos ao longo da linha férrea (Afonso, 2020).

O fluxo de pessoas é igualmente intenso, marcado por movimentos migratórios internos em busca de melhores condições de vida, emprego e acesso a serviços. Estes fluxos contribuem para a diversidade etnolingüística da região, tornando o corredor um espaço de convivência multicultural e multilingue (UNEMAT, 2023). Recorda-se, outrora, o comércio de longa distância, que ligava Luanda ao interior do país, era dinamizado por caravanas, mercados e feiras, onde circulavam bens como alimentos, matérias-primas, produtos manufacturados e serviços diversos (Ribeiro, 2013; Afonso, 2020).

### **4.3. Língua como facilitadora ou barreira nas trocas comerciais**

A língua desempenha um papel ambivalente nas trocas comerciais do corredor Luanda–Kwanza–Ambaca. Por um lado, o domínio das línguas nacionais – kikongo, kimbundu e umbundu – constitui uma vantagem competitiva para comerciantes e compradores, facilitando a negociação, a construção de relações de confiança e a fidelização de clientes, sobretudo nos mercados informais e rurais (UNEMAT, 2023; AGBT, 2025). O uso da língua materna pode resultar em melhores preços e maiores lucros, além de promover a valorização cultural e a coesão social (UNEMAT, 2023).

Por outro lado, a hegemonia do português como língua oficial e de prestígio pode actuar como barreira para falantes **monolíngues** das línguas nacionais, limitando o acesso a determinados mercados, serviços e oportunidades de ascensão social (Batista da Luz, 2021). O **multilinguismo** e a alternância linguística são, assim, estratégias recorrentes para superar barreiras comunicativas, mas persistem desafios relacionados com o preconceito linguístico e a marginalização das línguas africanas em contextos formais (Batista da Luz, 2021; UNEMAT, 2023).

## V. LÍNGUAS NACIONAIS COMO FERRAMENTA DE MEDIAÇÃO COMERCIAL

### 5.1. Estudo de caso e exemplo prático

Um estudo empírico realizado no mercado informal do **Mutundo**, na província da Huíla, ilustra de forma clara o papel das línguas nacionais como instrumentos de mediação comercial. Neste contexto, vendedores e compradores optam frequentemente por utilizar línguas regionais — como o umbundu, o kikongo ou línguas de outras etnias — em detrimento do português, sobretudo para negociar preços, criar empatia e garantir melhores condições de venda ou compra. Os resultados do estudo mostram que o uso das línguas maternas está associado à obtenção de maiores lucros e à redução dos preços dos bens e serviços, funcionando também como estratégia para evitar ser enganado por outros agentes económicos (Moreira & Epifânio, 2024). O domínio de mais do que uma língua regional é vista como uma vantagem competitiva, permitindo aos comerciantes alcançar uma clientela mais vasta e adaptar-se a diferentes interlocutores, como exemplifica o caso do gestor do mercado, que utiliza o português, o muhumbi, o umbundu, o lingala e até o **mandarim** nas suas transacções (Moreira & Epifânio, 2024).

### 5.2. Percepções sobre o uso das línguas nacionais

As percepções recolhidas junto dos agentes económicos do mercado do Mutundo revelam que a maioria dos comerciantes e clientes valoriza o uso das línguas nacionais nas transacções comerciais. Entre os 273 inquiridos, 114 afirmaram que recorrem às línguas regionais para ganhar a confiança do interlocutor, enquanto 98 consideram que conseguem obter maiores lucros ao negociar em kikongo ou umbundu, em comparação com o uso exclusivo do português. Muitos referem que negociar na sua língua materna facilita a compreensão, evita mal-entendidos e transmite uma imagem de honestidade e proximidade. Além disso, o uso das línguas nacionais é percebido como uma forma de afirmação identitária e de resistência cultural, promovendo a valorização das tradições locais e a coesão social (Moreira & Epifânio, 2024; AGBT, 2025).

### 5.3. Impacto do multilinguismo nos negócios locais

O multilinguismo revela-se um activo estratégico nos negócios locais, especialmente em contextos informais e multiculturais como os mercados angolanos. A alternância entre o português e as línguas nacionais permite aos agentes económicos adaptar a comunicação ao perfil do cliente, otimizar as negociações e ampliar a rede de contactos comerciais. Esta prática não só contribui para o aumento dos lucros e para a fidelização de clientes, como também reforça a preservação e a promoção das línguas regionais, contrariando a

tendência para a sua marginalização em contextos formais (Moreira & Epifânio, 2024; AGBT, 2025). O multilinguismo é igualmente reconhecido como um factor de inclusão social e de desenvolvimento económico, potenciando a integração de diferentes grupos étnicos e culturais no tecido comercial angolano.

## **VI. DESAFIOS PARA A VALORIZAÇÃO DAS LÍNGUAS NO COMÉRCIO REGIONAL**

### **6.1. Barreiras sociopolíticas e institucionais**

A valorização das línguas nacionais no comércio regional angolano enfrenta obstáculos históricos e actuais de ordem sociopolítica e institucional. Após a independência, as reformas curriculares e políticas linguísticas mantiveram, em grande medida, a perspectiva colonialista, promovendo o português como língua oficial e de prestígio, ao passo que as línguas nacionais foram relegadas a um estatuto inferior e marginalizado (Domingos, 2025; Manuel, 2015; Hinda et al., 2023). O discurso legal angolano reconhece a diversidade linguística e a importância das línguas nacionais, mas, na prática, mecanismos burocráticos e a hegemonia do português dificultam a circulação e o uso efectivo das línguas africanas em contextos educacionais, institucionais e comerciais (Manuel, 2015; Domingos, 2025; Revista da ABRALIN, 2020).

Além disso, a ausência de políticas públicas consistentes para a formação de professores, produção de materiais didácticos e inserção das línguas nacionais no ensino formal contribui para a sua desvalorização e para o risco de extinção de várias línguas e dialectos, especialmente em zonas urbanas e entre as gerações mais jovens (Lucala, 2023; Opais, 2024; Agualusa, 2011).

### **6.2. Oportunidades para inclusão linguística**

Apesar dos desafios, há oportunidades crescentes para a inclusão linguística nos sistemas de formação e na comunicação comercial.

A proposta de Lei das Línguas de Angola, em consulta pública desde 11 de Abril de 2025, visa estabelecer princípios e regras para o uso das línguas nacionais em diversos domínios, incluindo educação, justiça, saúde, agricultura, política e cultura, reconhecendo-as como veículos de comunicação e instrumentos de relações sociais e comerciais (Consulta Pública, 2025).

No domínio educativo, projectos-piloto de ensino bilíngue e plataformas digitais de aprendizagem, como o *Evalina* e o *Dicionário Ngola Yetu*, promovem o acesso e a valorização das línguas nacionais, especialmente entre os jovens (IPOL, 2023; Agualusa, 2011; Global Voices, 2013). A digitalização de acervos orais, a produção de conteúdos pedagógicos adaptados e a formação de professores bilíngues são caminhos promissores para a revitalização e inclusão das línguas nacionais nos sistemas de ensino e comunicação comercial (AGBT, 2025; Opais, 2024).

### 6.3. Propostas de políticas públicas ou projectos comunitários

Para garantir a valorização efectiva das línguas nacionais no comércio regional, é fundamental a implementação de políticas públicas integradas e de projectos comunitários que envolvam diferentes sectores da sociedade. Entre as propostas destacam-se:

- **Integração** das línguas nacionais nos currículos escolares, com a criação de vagas específicas para professores formados em Línguas e Literaturas Africanas e o desenvolvimento de materiais didácticos adequados (Lucala, 2023; Opais, 2024; Revista da ABRALIN, 2020).
- **Criação** de programas de educação bilíngue, especialmente em zonas rurais e periurbanas, para promover a aprendizagem em língua materna e facilitar o acesso ao português como segunda língua (AGBT, 2025; UEPG, 2023).
- **Incentivo** à utilização das línguas nacionais em espaços públicos, meios de comunicação, administração, feiras e mercados, valorizando a sua função como instrumentos de mediação comercial e de coesão social (Consulta Pública, 2025; Opais, 2024).
- **Apoio** a projectos de documentação, padronização e digitalização das línguas nacionais, bem como à realização de festivais, publicações e programas de rádio e televisão em línguas africanas (IPOL, 2023; Opais, 2024).
- **Envolvimento** activo das comunidades locais na preservação e revitalização do património linguístico, promovendo o orgulho identitário e a participação cidadã (Opais, 2024; Agualusa, 2011).

A implementação destas medidas pode contribuir para reverter o cenário de declínio das línguas nacionais, fortalecer a identidade cultural angolana e potenciar o desenvolvimento económico e social das comunidades.

## VII. CONCLUSÃO

### 7.1. Síntese dos principais achados

O corredor Luanda–Kwanza–Ambaca destaca-se como um espaço de intensa diversidade linguística e cultural, onde o kikongo, o kimbundu e o umbundu desempenham papéis centrais nas dinâmicas comerciais e sociais. Historicamente, estas línguas nacionais foram fundamentais para a mediação das trocas comerciais, facilitando o entendimento entre diferentes grupos étnicos e promovendo a coesão social. Apesar da imposição do português como língua oficial e de prestígio, as línguas nacionais continuam a ser amplamente utilizadas em contextos informais, especialmente nos mercados e feiras regionais, onde são associadas à confiança, negociação eficaz e identidade cultural (AGBT, 2025; Moreira & Epifânio, 2024).

O **bilinguismo** mercantil, característico da região, evidencia a alternância entre o português e as línguas bantu, reflectindo uma adaptação pragmática dos agentes económicos às exigências do mercado e à heterogeneidade dos interlocutores. O contacto linguístico produziu um vocabulário comercial híbrido, enriquecendo tanto o português

angolano como as línguas nacionais, e promovendo uma identidade linguística plural (AGBT, 2025; UBI, 2019).

### 7.2. Implicações para o desenvolvimento sociolinguístico e económico

A valorização das línguas nacionais revela-se determinante para o desenvolvimento sociolinguístico e económico do corredor Luanda–Kwanza–Ambaca. O **multilinguismo**, ao potenciar a inclusão social e a participação de diferentes grupos étnicos, contribui para a dinamização do comércio local, o fortalecimento das redes de confiança e a preservação do património cultural (AGBT, 2025; Moreira & Epifânio, 2024). A presença activa das línguas nacionais nos mercados e nas práticas comerciais reforça a coesão das comunidades e facilita o acesso de populações rurais e periurbanas a oportunidades económicas.

No entanto, persistem desafios significativos, nomeadamente a hegemonia do português nos contextos formais, a falta de políticas públicas efectivas para a promoção das línguas nacionais e o risco de marginalização linguística, especialmente entre as gerações mais jovens e em zonas urbanas (RILP-AULP, 2017; UBI, 2019). O investimento em educação **bilingue** e na valorização das línguas nacionais pode gerar impactos positivos no desenvolvimento sustentável, promovendo a equidade e a inclusão (ULisboa, 2022; AGBT, 2025).

### 7.3. Sugestões para futuras investigações

Para aprofundar o conhecimento sobre o papel das línguas nacionais no comércio regional angolano, recomenda-se:

- **Realização** de estudos etnográficos em diferentes mercados e regiões do corredor, analisando as práticas linguísticas e as estratégias de negociação multilingue.
- **Avaliação** do impacto de programas de educação bilingue e de políticas públicas de valorização das línguas nacionais no desempenho económico e na coesão social das comunidades.
- **Investigação** sobre a evolução do vocabulário comercial e as dinâmicas de contacto linguístico entre o português e as línguas nacionais, com especial atenção às variações regionais e geracionais.
- **Análise** comparativa entre o corredor Luanda–Kwanza–Ambaca e outras regiões multilingues de Angola, identificando factores de sucesso e desafios específicos.

A continuidade destas investigações é essencial para fundamentar políticas linguísticas inclusivas e para promover o desenvolvimento integrado e sustentável da região.

## VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apresentam-se as referências bibliográficas adaptadas do formato da norma ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) para as obras e documentos mencionados e consultados:

1. Nicolau, A.L. (2025). “Resistência Cultural - *Caso das Línguas Nacionais de Angola*”. (Artigo nº 002/2025). 16 Maio 2025

2. Nicolau, A.L. (2024). “Contribuição ao Renascimento da Província de Ambaca no Contexto Hodierno de Angola”. Ensaio – Versão Exploratória. (*Artigo n° 008/2024*). Março 2024. *FANICOL*, 1-30. Disponível em: [https://fanicol.ao/arquiv/NICOLAU.Renascimento Província de Ambaca - Ensaio vPF.Explor Março.2024.pdf](https://fanicol.ao/arquiv/NICOLAU.Renascimento%20Prov%C3%ADncia%20de%20Ambaca%20-%20Ensaio%20vPF.Explor%20Mar%C3%A7o.2024.pdf)
3. Nicolau, A.L. (2024). “Contribuição à Historicidade da Língua Kimbundu (Angola)”. (*Artigo n° 007/2024*). Fevereiro 2024.
4. Nicolau, A.L. (2024). “À Procura da Identidade Cultural Angolana”. (*Artigo n° 001/2024*). Janeiro 2024.
5. Afonso, A. (2020). Das missões científicas/botânicas às vilas do café no Cuanza Norte. *Cabo dos Trabalhos*, 12, 1-24. Disponível em: [https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n12/documentos/4\\_AntonioAfonso\\_REV.pdf](https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n12/documentos/4_AntonioAfonso_REV.pdf)
6. AGBT. (2025). Idioma Angola: Guia Completo sobre o Português e as Línguas Nacionais. *Blog AGBT*. Disponível em: <https://agbt.com.br/idioma-angola/>
7. Agualusa, J. E. (2011). Uma proposta de paz para a coexistência das línguas nacionais e da língua portuguesa. *Casa das Áfricas*. Disponível em: <http://ipol.org.br/plataformas-angolanas-de-aprendizagem-de-linguas-nacionais/>
8. Ambaca. (2024). Ambaca – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ambaca>
9. Augusto, M. A. (2016). Morfologia contrastiva entre português e kimbundu: obstáculos e suas causas na escrita e ensino da língua portuguesa entre os kimbundu em Angola [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19178/2/Mois%C3%A9s%20Alves%20Augusto.pdf>
10. Basílio, F. F. J. (2018). O uso da língua umbundu do centro e sul de Angola e da língua kimbundu da província de Luanda: valorização linguística na educação de adultos [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira]. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1237>
11. Batista da Luz, F. L. (2021). Perfil sociolinguístico da língua nganguela em Menongue. Belo Horizonte: PUC Minas. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras\\_FlaviaLucimarBatistaDaLuz\\_19263\\_Textocompleto.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_FlaviaLucimarBatistaDaLuz_19263_Textocompleto.pdf)
12. Consulta Pública. (2025). Proposta de Lei das Línguas de Angola. Disponível em: <https://www.consultapublica.gov.ao/consulta/100024>
13. Costa, T. M. C. J. da. (2015). *Umbundismos no Português de Angola: Proposta de um Dicionário*. Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/15330/1/Teresa%20Manuela%20Camacha%20Jos%C3%A9%20da%20Costa.pdf>
14. DCA. (2020). Dicionário de Calão Angolano (DCA). Revista Òmnira. Disponível em: <http://www.fundacaomnira.com.br/2020/04/dicionario-de-calaoangolano.html>
15. Domingos, A. M. (2025). Políticas linguísticas angolanas. *Gestadi*, 1(4), 1-20. Disponível em: <http://www.gestadi.periodikos.com.br/article/10.5281/zenodo.15594146/pdf/gestadi-1-4-1.pdf>
16. Global Voices. (2013, 27 de Dezembro). Plataformas angolanas de aprendizagem de línguas nacionais. Recuperado de <https://pt.globalvoices.org/2013/12/27/plataformas-angolanas-de-aprendizagem-de-linguas-nacionais/>
17. Hinda, O. B. J., David, M. T., & José, J. J. (2023). A problemática sobre a implementação das línguas nacionais no sistema escolar d’Angola: um caso de negligência e desvalorização cultural. *Revista de Filosofia e Interdisciplinaridade*, 9(1), 243-260. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/download/8272/5130>
18. IPOL. (2023). Plataformas angolanas de aprendizagem de línguas nacionais. Disponível em: <http://ipol.org.br/plataformas-angolanas-de-aprendizagem-de-linguas-nacionais/>
19. Kia Kongo. (2024). Geografia Kikongo. Disponível em: <https://www.kiakongo.com/cultura-e-tradicoes-kongo/geografia-kikongo/>
20. Kukubela. (2024). [Vídeo de reel sobre cultura angolana] [Vídeo]. *Instagram*. <https://www.instagram.com/reel/DEdAOhmKX4q/>
21. LAC. (2020). Lei das Actividades Comerciais (LAC). Ministério do Comércio. Disponível em: [https://www.vertic.org/media/National%20Legislation/Angola/AO\\_Lei\\_das\\_Actividades\\_Comerciais.pdf](https://www.vertic.org/media/National%20Legislation/Angola/AO_Lei_das_Actividades_Comerciais.pdf)

22. Lucala, A. (2023). Universitários defendem ensino de Línguas Nacionais nas escolas fundamentais. *Polo de Notícias*. Disponível em: <https://polodenoticias.com/universitarios-defendem-ensino-de-linguas-nacionais-nas-escolas-fundamentais/>
23. Manuel, A. (2015). Políticas linguísticas em Angola: sobre as políticas educativas in(ex)cludentes. *Revista da ABRALIN*, 14(2), 77-94. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/498>
24. Marcos, A. (2021). Empréstimos das línguas bantu no português falado em Angola: kikongu, kimbundu e umbundu. *Njinga e Sepé: Revista Internacional de Estudos da Lusofonia*, 7(1), 145-165. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Njingaesepe/article/view/117179>
25. Misoso África. (2012). História de Angola: O Kimbundu, uma língua emblemática. Disponível em: <https://misosoafriapt.wordpress.com/2012/02/10/historia-de-angola-o-kimbundu-uma-lingua-emblematica/>
26. Moreira, J. M., & Epifânio, A. N. (2024). Usos económicos da língua: um olhar às línguas regionais faladas no mercado informal do Mutundo. *Revista da Faculdade de Educação*, 39(1), e392321. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/12307>
27. Njinga e Sapé. (2022). Ntangilu mya m'vovo mya zinkumbu muna kikongo Kisikongo. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/1058>
28. Opais. (2024). Línguas nacionais: património em extinção. *Jornal Opais*. Disponível em: <https://www.opais.ao/opiniao/linguas-nacionais-patrimonio-em-extincao/>
29. PDAC. (2022). Projecto de Desenvolvimento da Agricultura Comercial. Disponível em: [https://pdac.ao/wp-content/uploads/2020/07/SITE\\_PDAC\\_TRIFOLD\\_FINAL\\_2022.pdf](https://pdac.ao/wp-content/uploads/2020/07/SITE_PDAC_TRIFOLD_FINAL_2022.pdf)
30. Porto de Luanda. (2024). Historial - Porto de Luanda. Disponível em: <https://wsite.portoluanda.co.ao/historial.php>
31. Redalyc. (2018). Língua umbundu: caminhos para a sua preservação. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/7041/704173394006/html/>
32. Revista da ABRALIN. (2019). Língua Portuguesa em Angola: silenciamentos, isolamentos e hierarquias. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/507>
33. Revista da ABRALIN. (2020). Políticas linguísticas em Angola. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/498>
34. Revistas da Unilab. (2015). Alguns aspectos da fonologia do umbundu. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/download/725/487/2602>
35. Ribeiro, E. (2013). Expedição portuguesa ao Muatiânvua como fonte para a história social dos grupos de carregadores africanos do comércio de longa distância na África centro-ocidental. *Revista de História*, 169, 349-380. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rh/a/3M6Gz79sPWDFPJzQYqvFX7v/?lang=pt>
36. RILP-AULP. (2017). Reflexão sobre as línguas nacionais no sistema de educação em Angola. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, 31(3), 51-67. Disponível em: <https://www.rilp-aulp.org/index.php/rilp/article/download/RILP2017.31.3/30>
37. Scribd. (2025). Interferência da Língua Kikongo. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/695374159/Interferencia-Da-Lingua-Kikongo>
38. Scribd. (2025). Língua Kimbundu. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/237888771/LINGUA-KIMBUNDU>
39. Severo, C. G., Sassuco, D. P., & Bernardo, E. P. J. (2019). Português e línguas bantu na educação angolana: da diversidade como “problema”. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, 43, 290-307. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao43/d/artigod6.pdf>
40. Sita, F. (2019). A Língua Umbundu no Ensino Primário em Angola: uma abordagem institucional. *Instrumentos Linguísticos*, 43, 290-307. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/il/article/view/157272>
41. UBI. (2019). Conhecimento das diferenças sintáticas entre a língua portuguesa e o kimbundu. Disponível em: [https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9529/1/5528\\_11238.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9529/1/5528_11238.pdf)
42. UBI. (2019). Variações linguísticas regionais em Angola. Disponível em: [https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/10059/1/6701\\_13965.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/10059/1/6701_13965.pdf)
43. UEPG. (2023). A importância da inclusão das diferentes línguas locais nos processos de ensino e aprendizagem de crianças na província da Huíla-Angola. *Tel: Temas em Educação e*

- Linguagem*, 24(2), 1-18. Disponível em:  
<https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/download/21443/209209217676/209209255246>
44. ULisboa. (2011). Agricultura na região do Luínga em Angola: aptidão cultural e potencialidades produtivas. Disponível em:  
<https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10400.5/15185/1/Tese%20Final%20Completa.pdf>
  45. ULisboa. (2022). O caso de Angola: educação bilingue e políticas linguísticas. Disponível em: [https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/61964/1/ulflpkailing\\_tm.pdf](https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/61964/1/ulflpkailing_tm.pdf)
  46. UNEMAT. (2023). Usos económicos da língua: um olhar às línguas regionais faladas no mercado informal do Mutundo. Disponível em:  
<https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/download/12307/8341/42939>
  47. UNEMAT. (2023). Usos económicos da língua: um olhar às línguas regionais faladas no mercado informal do Mutundo. Disponível em:  
<https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/download/12307/8341/42939>
  48. Universo Litteragris. (2024). Influência da Língua Kimbundu no Português Falado em Angola. Disponível em: <https://universo-litteragris.org/2024/04/24/influencia-da-lingua/>
  49. USP. (2020). O uso da língua umbundu do centro e sul de Angola e da língua kimbundu da província de Luanda. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-26052021-190121/publico/2020\\_AlexAndradeDePaulaESilva\\_VOrig.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-26052021-190121/publico/2020_AlexAndradeDePaulaESilva_VOrig.pdf)
  50. VOA Português. (2008). Tradições umbundu em dois novos livros. Disponível em:  
<https://www.voaportugues.com/a/article-09-10-2008-ovimbunduculture-voanews-129580818/1261094.html>
  51. Wikipedia. (2005). Línguas de Angola. *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Línguas\\_de\\_Angola](https://pt.wikipedia.org/wiki/Línguas_de_Angola)
  52. Wikipedia. (2006). Língua congo. Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua\\_congo](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_congo)

## IX. ANEXOS

### 9.1. Mapas linguísticos da região

Para a compreensão da distribuição das principais línguas nacionais no corredor Luanda–Kwanza–Ambaca, é fundamental recorrer a mapas linguísticos e etnográficos produzidos por instituições académicas e organismos oficiais. Segundo o censo do Instituto Nacional de Estatística de Angola (INE 2016), e conforme representado em diversos estudos e artigos de referência, a distribuição das línguas nesta região pode ser assim sintetizada:

- **Kikongo:** Predomina nas províncias do Uíge, Zaire e Cabinda, com presença significativa também no norte do Kwanza Norte.
- **Kimbundu:** É a língua dominante nas províncias de Luanda, Bengo, Icolo e Bengo, Malanje, Kwanza Norte, Kwanza Sul e parte do Uíge.
- **Umbundu:** Embora mais concentrada no centro-sul (Huambo, Bié, Benguela, Namibe), devido a movimentos migratórios, há presença relevante em áreas urbanas como Luanda.

O mapa etnolinguístico de Angola disponível na Wikipédia sintetiza esta distribuição, mostrando a predominância do **umbundu** no centro-sul, do **kimbundu** no centro-norte e do **kikongo** no extremo norte, incluindo o corredor em análise (Wikipedia, 2005; Gerards & Meisnitzer, 2023).

#### Fontes para consulta de mapas linguísticos:

- *Wikipédia: Línguas de Angola*
- Gerards, J., & Meisnitzer, S. (2023). Angola. Universidade de Mainz. Disponível em: [https://www.romanistik.uni-mainz.de/files/2023/12/Gerards-Meisnitzer-2023\\_Angola.pdf](https://www.romanistik.uni-mainz.de/files/2023/12/Gerards-Meisnitzer-2023_Angola.pdf)
- Afonso, A. (2020). *Das missões científicas/botânicas às vilas do café no Cuanza Norte. Cabo dos Trabalhos, 12, 1-24.* Disponível em: [https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n12/documentos/4\\_AntonioAfonso\\_REV.pdf](https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n12/documentos/4_AntonioAfonso_REV.pdf)

## 9.2. Quadro Comparativo entre Kikongo, Kimbundu e Umbundu

Característica	Kikongo	Kimbundu	Umbundu
<b>Família linguística</b>	Bantu	Bantu	Bantu
<b>Área de predominância</b>	Uíge, Zaire, Cabinda, norte do Kwanza Norte	Luanda, Bengo, Icolo e Bengo, Malanje, Kwanza Norte, Kwanza Sul, parte do Uíge	Huambo, Bié, Benguela, Namibe, presença em Luanda
<b>Grupo étnico principal</b>	Bakongo	Ambundu	Ovimbundu
<b>Percentagem da população</b>	Cerca de 8% (INE 2016)	Cerca de 8% (INE 2016)	Cerca de 23% (INE 2016)
<b>Principais dialectos</b>	Kisikongo, Zombo, Ibinda, Yombe, Vili	“ <i>Loanda mbundu</i> ”, Ngola, Njinga, Mbamba, Ambaca, Ndongo	Benguela, Huambo, Bié, Namibe, variantes urbanas
<b>Contacto com o português</b>	Forte influência lexical e sintáctica	Elevada, com muitos empréstimos mútuos	Elevada, especialmente no léxico e expressões idiomática
<b>Exemplo de léxico partilhado</b>	<i>mbwa</i> (cão), <i>kutima</i> (trabalhar), <i>ngombe</i> (boi), <i>nzila</i> (caminho), <i>tatu</i> (três)	<i>mbwa</i> (cão), <i>kudima</i> (trabalhar), <i>ngombe</i> (boi), <i>nzila</i> (caminho), <i>tatu</i> (três)	<i>ombwa</i> (cão), <i>okulima</i> (trabalhar), <i>ngombe</i> (boi), <i>o nzila</i> (caminho), <i>tatu</i> (três)
<b>Função social</b>	Identidade cultural, coesão, Bakongo, transmissão de tradições	Língua tradicional da capital, mediação cultural e Comercial	Língua mais falada, transmissão oral, música, provérbios

### Fontes para o quadro comparativo:

- *Wikipedia. (2005). Línguas de Angola. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas\\_de\\_Angola](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_de_Angola)*
- *Gerards, J., & Meisnitzer, S. (2023). Angola. Universidade de Mainz. Disponível em: [https://www.romanistik.uni-mainz.de/files/2023/12/Gerards-Meisnitzer-2023\\_Angola.pdf](https://www.romanistik.uni-mainz.de/files/2023/12/Gerards-Meisnitzer-2023_Angola.pdf)*
- *The British Academy. (2020). The construct of 'national' languages in independent Angola. Disponível em: <https://www.thebritishacademy.ac.uk/documents/4378/JBA-10s6-04-Jimbi-VandorSicala.pdf>*
- *Augusto, M. A. (2016). Morfologia contrastiva entre português e kimbundu: obstáculos e suas causas na escrita e ensino da língua portuguesa entre os kimbundu em Angola. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19178/2/Mois%C3%A9s%20Alves%20Augusto.pdf>*
- *The Journal of Pan African Studies. (2012). The Afro-Brazilian Speech of Calunga. Disponível em: <http://www.jpanafrican.org/docs/vol5no5/5.5Afro-Brazilian.pdf>*

### 9.3. Short CV do Autor

#### “SHORT Curriculum Vitae”

(Exemplo de ocupação profissional liberal, em tempo de reforma)

**HABILITAÇÕES ACADÉMICAS E PROFISSIONAIS:** Mestre em Desenvolvimento Social e Económico, com especialização em Políticas Económicas e Desenvolvimento Empresarial (Estudos africanos); Licenciado em Economia, com especialização em Contabilidade e Finanças; Diplomado em Gestão de Empreendimentos; Estudos Avançados sobre Evolução Histórico-Social do Brasil; Perito Contabilista – Cédula nº 20120105 da OCPCA, Contabilista, inscrito em 1979 no Minfin sob nº 00264; Curso Geral de Administração e Comércio; Curso de Gestão de Projectos (Academia BCG); Curso de Agregação Pedagógica do Ensino Superior; Curso de Formação de Formadores; Consultor nas áreas de Contabilidade, Finanças e Gestão de Empreendimentos; Formador e Professor Universitário, em cerca de duas décadas (nas áreas de contabilidade e ciências afins).

**TRABALHOS ACADÉMICOS, ARTIGOS E ENSAIOS:** “A Emergência dos Pequenos e Médios Empresários Angolanos no Contexto Urbano de Luanda, 1975-1991” (Tese de Mestrado, Lisboa, 2001); Sebenta de “Contabilidade Financeira Avançada” (2009); Brochura sobre a “Problemática dos Contratos de Construção - Ensaio” (2007); Brochura sobre a “Sistematização do Processo de Prestação de Contas das Sociedades Comerciais e Empresas Públicas em Angola - Ensaio” (2007); Apontamentos de “Noções Gerais de Contabilidade” (2006); Apontamentos de “Contabilidade Geral” (2006); “A Contabilidade Verde e suas Relações com outras Contabilidades” (Ensaio 003/2024). Outubro 2024; “A Contabilidade como Pilar do Desenvolvimento de Angola” (Ensaio 002/2024). Outubro 2024; “Expatriados Vs. Quadros Nacionais: Uma Análise do Desequilíbrio no Mercado de Trabalho Angolano” (Ensaio 001/2024). Setembro 2024; “Programa MVI - Marcha Verde para o Interior” (Artigo nº 011/2024). Junho 2024; “Contribuição ao Renascimento da Província de Ambaca no Contexto Hodierno de Angola” (Artigo nº 008/2024). Março 2024; “Reflexões sobre a Natureza Humana e a Moralidade – Dinheiro como Sepulcros (Kitadi Jimbila)” (Artigo nº 006/2024). Fevereiro 2024; OCPCA (1990-2023) - Contribuição às Memórias da OCPCA. Ensaio/Draft, Novembro 2024; INAPEM (1990-2018) - Contribuição à Memória das MPME em Angola. Ensaio/Draft, Outubro 2024; “Não me Preocupa o que Há, Mas o que Há-de Ficar”. (2023). Dezembro 2023; “Inversão de Valores (*serolav ed oãšrevni*) e o (re)Posicionamento da(s) Família(s) num Contexto em Mudança(s)”. (2023). Actualizado e Melhorado. Setembro 2023. Ver mais no [site fanicol.ao](http://site.fanicol.ao)

**OUTRAS ACTIVIDADES:** Promotor e co-fundador da COOPETIC – Cooperativa de Empreendedores de Tecnologias de Informação e Comunicação (2017-...); Membro da CTSE (Comissão Técnica do Sector Empresarial) e do Conselho Geral do CNNCA (Conselho Nacional de Normalização Contabilística de Angola), (2023 - ...); Membro da Comissão Curricular Nacional de Administração, Negócio e Direito, inserida nas Comissões Nacionais para Harmonização Curricular de Graduação do Subsistema de Ensino Superior (nº 6º, Despacho nº 3051/19, MESCTI, de 16 de Julho); Interlocutor (Ponto Focal) da OCPCA, junto das representações do BM - Banco Mundial e BAD-Banco Africano de Desenvolvimento (Despacho nº 20/PCDIR/2018); Integrante do Grupo de Trabalho para a criação da Academia OCPCA (Despacho nº 18/PCDIR/2018); Coordenador (institucional) e Ponto Focal do Grupo Técnico que elaborou o “Documento de Orientação Estratégica p/ a Criação e Instalação da Academia do Empreendedor e do Empresário Angolano” - patrocinado pelo PNUD e co-financiado pela Cooperação Espanhola (Luanda, 2013); Coordenador (institucional) do Projecto para “Minorias Étnicas e Culturais”, junto da Casa de Angola de Lisboa - financiado pelo Fundo Social Europeu, através do Ministério do Trabalho e da Solidariedade (Lisboa, 2001-2002); Secretário-Geral e Director do Pelouro de Formação da Casa de Angola (Lisboa, 2000-2003); Membro do Conselho Municipal da Juventude de Lisboa (Lisboa, 1998-2001); Membro Fundador do SICAA – Secretariado Interactivo e de Coordenação das Associações Angolanas (Lisboa, 1999); Promotor e Membro Fundador do CENTERCOOP – Centro de Estudos e Cooperação para o Desenvolvimento (Lisboa, 1997); Membro co-Fundador da AJEA – Associação dos Jovens Empresários Angolanos (Luanda, 1992); Promotor e co-Fundador da TOYPAN – Prestação de Serviços e Comércio Geral, Lda (Luanda, 1992); Colaborador em diversas acções de formação e actividades associativas; Participante em vários seminários, workshops, palestras, conferências e congressos, a nível nacional e internacional.-

**P.S:** “mais velho” (“jovem antigo” ou “kota”), é tido como uma “biblioteca viva” nas sociedades africanas e não como simples “retalho da vida”, às vezes, assim tratado de forma pejorativa por “intelectuais” alheios à nossa cultura e “idiossincrasia”.